Iara Amaral

Jornal

RelevO

PARANÁ | MAIO DE 2013 | EDIÇÃO XI | ANO III

Colaboradores

Iara Amaral
Designer Editorial.
Sarah Bauer
Ilustradora. Publica seu trabalho no endereço devaneiosdegaveta.wordpress.com.
Daniel Zanella
Cursa 7º período de Jornalismo na UP. Canhoto, não consegue abrir latas de sardinha. Troca michê por clichê.
Marcos Monteiro
Cursa 7º período de Jornalismo na UP. Meio-campo fracassado. Jornalista iludido. Utiliza softwares piratas para edição de jornais.
Mila Bastos
Cursa 7º período de Jornalismo na UP. Baiana. Gosta mais da Ivete Sangalo do que da Claudia Milk.
Julliana Bauer
Cronista nascida em Canoinhas (SC) e radicada em Curitiba. Publica seus textos no endereço devaneiosdegaveta.wordpress.com.
Jeanne Callegari
Escritora nascida em Uberaba (MG) e radicada em São Paulo. Publica seus trabalhos no endereço jeannecallegari.com.br/blog.
Bianca Lafroy
Poeta curitibana.
Lu Cañete
Escritora. Publica seus trabalhos no endereço deusdobravel.blogspot.com.br.
Sonia Maria Cardoso
Escritora.
Rodrigo Madeira
Escritor e tradutor.
Publica seus trabalhos no endereço rodrigo-madeira.blogspot.com.br.
Daniel Bovolento
Escritor carioca. Publica seus trabalhos no endereço entretodasascoisas.com.br.
Robson Vilalba
Chargista e escritor.
Ricardo Pozzo
Escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.
Uili Bergamin
Escritor nascido em Bento Gonçalves (RS). É colunista e colaborador de diversos jornais e revistas de Caxias do Sul e região. Publica seus trabalhos no endereço uilibergamin.blogspot.com.
Carlos Pegurski
Escritor curitibano.
Ágatha Santos
Cursa 1º período de Jornalismo na UP.
Cindy Carlos
Escritora e professora da Rede Municipal de Araucária (PR).
Marcelo Lima
Jornalista e professor universitário radicado em Curitiba.
Daniel Osiecki
Escritor e professor de literatura curitibano. Publica seus trabalhos no endereço poesiaetavolaredonda.blogspot.com.
Alexandre Guarnieri
Nascido no Rio de Janeiro em 1974, é poeta, arte-educador habilitado em História da Arte pelo Instituto de Artes da UERJ e Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (ECO). Atualmente é editor da revista eletrônica de poesia e arte contemporânea Mallarmargens.
Luíz Horácio
Escritor, professor de Literatura, tradutor, roteirista. É natural de Quaraí (RS) e vive atualmente no Rio de Janeiro.

Editorial

Manter um impresso mensal de literatura é uma certa prática de atravessar a correnteza a nado. Muitas turbulências e ventos e outros perigos naturais conspiram contra o projeto lúgubre de entregar a você, leitor, a você, leitora, um periódico com as vozes literárias contemporâneas – assim como as margens do rio, também comprimidas pela liquidez de tudo.
Pode parecer muro de lamentação, mas permanecer em papel – uma notória contradição em si –, além de precário, torna nossos erros, descaminhos e desajustes eternos, isto que nem iremos relatar as dificuldades com os custos de gráfica e distribuição, cada vez mais opressivos. (Embora tenhamos assinaturas agora. Favor falar com a direção.)
Então, por que um jornal de literatura? Subvertendo o Esopo das cigarras e formigas – fábula em editorial é tendência – *No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra faminta lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: "Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?" A cigarra respondeu: "Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente". E as formigas, rindo, disseram: "Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno.*" –, literatura é um ato de fome e, para muitos, a forma de lidar quase que unicamente com as agruras cotidianas.
É para estes e para mim e para nós a justificativa de existir em cada primeira terça-feira do mês: alguma luz ao inverno do coração.

Boa leitura a todos.

Simples história do amolador de facas e tesouras.

Aí despediu-se da madame, que quase chorou de desgosto, ouviu calado as descomposturas do irmão e, com a delícia que só os escravos urbanos podem avaliar, largou a libré de risquinhas, o jaleco branco e o black-tie, meteu o pé no tamanco, comprou na feira da Glória um blusão verde e uma calça de zuarte, e se iniciou no ofício de homem livre.

Rachel de Queiroz

EXPEDIENTE
Fundado em Setembro de 2010
Editor: Daniel Zanella
Editor-Assistente: Ricardo Pozzo
Projeto Gráfico: Iara Amaral
Arte Final: Marcos Monteiro
Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo
Impressão: Gráfica Helvética
Tiragem: 2000
Edição Finalizada em: 1 de maio de 2013

Contato
twitter.com/jornalrelevo
@jornalrelevo

jornalrelevo@gmail.com

Edições anteriores
issuu.com/jornalrelevo

DICESAR BECHES & Advogados associados
www.dicesaradvogados.com.br
Avenida Iguaçu, 2947, sala 74
Água Verde , Curitiba - PR (41) 3082-1470
Rua Coronel Joaquim Palhano, 184, salas 1/2/3/4 - Centro, Araucária - PR (41) 3242-1554

O QUARTO

Daniel Zanella

O quarto ouve nossas noites de insônia, lê nossa caligrafia torta, entende nossas tentativas de beleza, nossa busca por uma voz e por uma expansão daquilo que a mão crê sentir, mas não se compreende por incompleta. O quarto decora as curvas de nossa mulher e descobre as cores daquelas que nunca entraram em nossa casa, a estranheza estampada nos olhares diante dos móveis, do cobertor, das roupas. – O quarto despe nossa pele.

O quarto ouve a música que adormece a noite e chora nos domingos, ali perto da hora do almoço, quando o tenista derrotado desmonta após o jogo, depois de estar tão perto – e a gente chora porque quer se emocionar, quer ter na vida um pouco de épico, um pouco de olimpo, quer ser grande e bom. – O quarto nos chama para dentro de seu oceano de dez metros e nos torna invisíveis perante nosso próprio espelho.

O quarto entende nossa solidão e nos promete somente o que pode cumprir. O quarto entende quando dizemos que só se precisa de cinquenta reais por dia para gastar com um bar simples e alguns amigos. O quarto entende nossa fascinação pelas lésbicas e os corpos fracos e hedonistas. O quarto entende a hora de acordar, a hora de não ser. O quarto recebe os mantimentos sem ter a mesma fome. – O quarto come a poeira que envolve cortinas e janelas.

O quarto não desaprende a ser só, segue sendo quarto sem precisar de ninguém para dizê-lo quarto, o quarto é mais sábio do que as bibliotecas alexandrinas, por isso, um livro num quarto é um país e um império. – O quarto não dorme. Seus olhos vigiam permanentemente o teto e o chão. Seu solo é calcificado dos ossos que caíram de nosso peito.

O quarto não pergunta. Também não responde. Ele está no interlúdio entre uma cerveja mal bebida e um banho na madrugada para fustigar os demônios conhecidos. O quarto não sabe se é 4h37 ou 15h22. Para ele, o tempo é feito de uma porta que nunca fecha. – Ontem mesmo, minha querida, pensei em te dizer que não a esqueci. Hoje te disse, mas menti. Quem te pede é meu quarto. Eu mal sei a substância de seu nome.

O quarto, sabemos todos, não é fixo e percorre distâncias grandiosas. Ele interfere no coração fervoroso das estrelas e, quando se desfaz em sonho, reaparece na manhã de um despertador, com seu velho rosto seco e companheiro.

Entre a tela do cinema_ e a vida real

Mila Bastos

Depois de um sábado de plantão cansativo na redação do jornal, fui para casa desejando a minha cama como nunca. Só pensava em dormir. Mas sabe aqueles dias que mesmo morrendo de cansaço o sono não vem? Pois é, estava assim. E pior, não tinha nada para fazer na noite de sábado. Eis que fiquei zapeando os canais da minha televisão com o intuito de encontrar algo que prendesse a minha atenção. Mas, como não tenho assinatura de televisão fechada, esta missão não foi nada fácil. Porque, convenhamos, a programação da televisão aberta brasileira não é lá aquelas coisas, né? Aos finais de semana então, é "pracabá.com". Mas, fui persistente na procura e até que não demorei muito a encontrar algo.

Meio sem querer, peguei um filme do Supercine exatamente no começo. Pronta para amar o nome, que só fui descobrir lá pelas tantas. Talvez se soubesse no começo nem tivesse parado para assistir, achando se tratar de uma comédia romântica bobinha. Não que o filme não fosse um romance, e não que eu não goste de comédias românticas, mas naquele momento não estava buscando algo assim. Bom, era um romance, mas nada bobinho. Não era comédia, era drama.

O filme dirigido por Nicole Kassell era uma história de uma mulher de meia idade, interpretada por Kate Hudson, que descobre que tem câncer e se apaixona pelo seu próprio médico. Ela não acreditava em conto de fadas e muito menos na ideia de que temos que nos apaixonar para vivermos "felizes para sempre". Mas isso até encontrar o Doutor Julian, interpretado por Gael García Bernal. O médico também correspondia ao amor dela. Na trama de 2011, eles vivem uma história de amor simples, nada de aventuras em Las Vegas ou triângulos amorosos. O enredo mostra o cotidiano dos dois, tudo bem próximo da nossa realidade. Eles vivem intensamente para aproveitar cada minuto juntos, pois, com a doença, não se sabe o tempo de vida de Marley. Além da história do casal, o filme também mostra como a loira sorridente, de cabelos cacheados, tem muitos amigos, como todos eles sofrem com a descoberta do câncer e enfrentam a doença ao lado dela, dando apoio e carinho. E foi neste momento que mais senti o valor do filme.

Há pouco menos de quatro meses, um colega morreu do mesmo mal que a protagonista do filme. Entretanto, ela de câncer de cólon e ele câncer de pele. Ele não era tanto meu amigo. Mas era muito amigo do meu namorado. Saíamos juntos com ele, a namorada e outros amigos. Ele sempre muito simpático e cativante. Era bastante sorridente e alegre, muito querido por todos, assim como Marley. Gaúcho, de 23 anos, apaixonado pelo Grêmio e pelo seu carro. Descobriu um câncer de pele extremamente agressivo.

A notícia foi um baque para os familiares, a namorada e os amigos. Por que ele? Por que tão novo? Mas ele não fraquejou e foi à luta.

Iniciou o tratamento com muita garra e esperança.

Compartilhou a sua luta nas redes sociais. Recebeu o apoio de todos que lhe queriam bem. E não eram poucas pessoas. Eram centenas de curtidas e compartilhamentos a cada postagem que ele fazia. Contava os passos de sua caminhada e as pessoas se comoviam com a trajetória do gremista, do menino que sempre tinha orgulho de dizer que levantava cedo para fazer pães todas as manhãs. Eu mesma ia todos os dias na página dele para acompanhar como estava. Fui uma das várias pessoas que lhe encheram de mensagens de apoio e carinho. Foi uma guerra de inúmeras batalhas que, infelizmente, ele perdeu para a doença.

Depois de três meses lutando brava e corajosamente, ele se foi. Deixou saudades no coração de tantas pessoas. Deixou lembranças que jamais serão esquecidas.

Deixou a marca do seu sorriso e, principalmente, deixou uma lição de vida para todos que sentem a sua falta: sorrir mesmo diante de qualquer dificuldade. Pois era assim que sempre o víamos, em qualquer situação.

Para mim, no filme, Marley representa este amigo. Ela vive a doença, mas não deixa de sorrir em nenhum momento. Assim como o Felipe, ela morre no final. Os dois deixaram familiares e grandes amigos sentindo e chorando as suas ausências. Felipe – apesar de não ter sido muito íntima dele – marcou o meu caminho. Morreu um dia depois do meu aniversário. Chorei a morte dele como se fosse meu irmão. Chorei ao final do filme, como se eu estivesse nele. Sou dessas choronas, sim. Vivo e sinto a dor dos outros como se fosse a minha. Mas quem não se identifica com histórias cinematográficas ou histórias da vida real? Quem não se imagina vivendo pelo menos alguma situação das telas do cinema? Às vezes, só imaginamos, mas de repente nos deparamos com histórias assim ao nosso lado. Situações que nos surpreendem e que pensamos só existir na tela dos cinemas, mas sem querer somos obrigados a vivenciar. O Felipe ou Xaropinho, como muitos o chamavam, com certeza, se imaginava nas cenas de ação do filme Velozes e Furiosos, pilotando o seu Polo preto, de rodas aro 18, a 190 km/h.

Um tapa na cara no ponto de ônibus

Julliana Bauer

Às vezes a gente precisa de um chacoalhão vindo de estranhos pra perceber o quanto estamos fazendo as coisas da forma errada. O meu aconteceu hoje de manhã em um ponto de ônibus – cenário no qual grande parte dos eventos e catarses da minha vida acontece. Cheguei na Rui Barbosa mais cedo do que o normal e parei no ponto do Jardim Itiberê. Eu poderia também ter parado no ponto do Vila Macedo ou no do Jardim Centauro, que também chegam até onde eu preciso, mas decidi, sei lá, parar no Itiberê.

A Rui Barbosa é um lugar engraçado. Uma praça enorme com pontos e tubos de ônibus ao longo de toda sua extensão e com um enorme galpão cheio de pequenas lojas que vendem tudo quanto é tipo de cacareco – de canecas personalizadas a bonés e moletons com estampa de memes. Tem uma loja ali que vende só coisas esotéricas, como cartas de tarô, incensos e velas pra fazer orações a entidades das quais eu nunca ouvi falar. Os pedintes são sempre os mesmos. Tem um senhor com uma deficiência física que anda com uma muleta em uma mão e uma foto dos seis, sete, oito filhos em outra, pedindo qualquer trocado, "cinco centavos não farão falta a ninguém". Tem um bem jovem que é claramente viciado em crack e que passa o dia perambulando pela praça e galanteando a mulherada. Não, eu não usei a palavra errada, ele galanteia mesmo, sem termos chulos nem grosserias. "A moça tá muito bonita de vermelho hoje" e "gostei do seu cabelo preso" são frases que eu já o ouvi usando não só para mim, mas para outras mulheres da praça. Depois do elogio, ele pede que alguém pague sua passagem de ônibus. Ninguém nunca paga, mas não faz mal – os motoristas sempre deixam que um ou dois mendigos andem de graça na parte do veículo que fica entre o volante e a roleta.

Após cumprimentar os dois ou três pedintes que me abordam diariamente e novamente mentir que não, eu não tenho um trocado, duas senhoras vieram me perguntar o horário do ônibus. As duas eram bem velhinhas, a mais jovem devia ter uns setenta e tantos, ou pelo menos o aparentava, e segurava pela mão a mais velha, que tinha facilmente uns noventa. Até então eu estava sozinha no ponto e tirei meus fones de ouvido pra dizer que não sabia o horário do ônibus. Foi mais ou menos assim:

- Que horas que passa o ônibus?
- Não sei.
- Você está esperando o Jardim Itiberê?
- Estou, sim.
- Você está aqui parada esperando um ônibus e não sabe nem que horas ele passa?
-… Sim?

Fim de papo. Percebam que a senhora não usou palavras mágicas, como por favor e obrigada, e não foi doce como o esperado de uma velhinha, mas ela certamente fez com que eu me sentisse uma idiota. Naturalmente eu já ouvi críticas de amigos e familiares, mas a crítica da velhinha me deixou envergonhada. De fato, eu pego um daqueles três ônibus todas as manhãs há uns três ou quatro meses e não tenho ideia do horário em que eles passam. Eu tenho instalado em meu celular um aplicativo que tem a única finalidade de informar os horários e itinerários de ônibus e nunca, jamais o utilizei. Só sei que se chegar à praça depois das 9h04 é bom que eu já mande um sms pra alguma de minhas superiores avisando que irei me atrasar – nenhum ônibus dos quais eu preciso passa ali entre 9h04 e 9h25

Quando o ônibus finalmente chegou, entrei e ouvi a velhinha – a mais jovem – reclamando com o cobrador que eu não havia conseguido informá-la sobre o horário do ônibus, que ela provavelmente iria se atrasar pra consulta médica da mãe e que onde já se viu uma moça que trabalha não saber o horário do ônibus que precisa pegar.

Minha aversão à gente metódica me transformou na subversiva da linha Jardim Itiberê. Cheguei no trabalho e imediatamente peguei a tabelinha dos horários das linhas que pego diariamente. Jardim Itiberê: 8h05. Jardim Centauro: 8h25 e 8h50. Vila Macedo: 8h30 e 9h.

Quero contratar a velhinha do Itiberê pra passar uns dias apontando tudo que tenho feito errado. Vou abrir meu guarda-roupa e mostrar a ela. Certamente ela dirá alguma frase rude que me faça passar e arrumar minhas roupas de acordo com cores e estações do ano. Banirá algumas saias também. Vou levá-la para a balada num sábado a noite. Ela me colocará bom senso na cabeça quando um bonitão burro e sem futuro vier me oferecer um drink barato. Talvez ela até me convença a comer legumes.

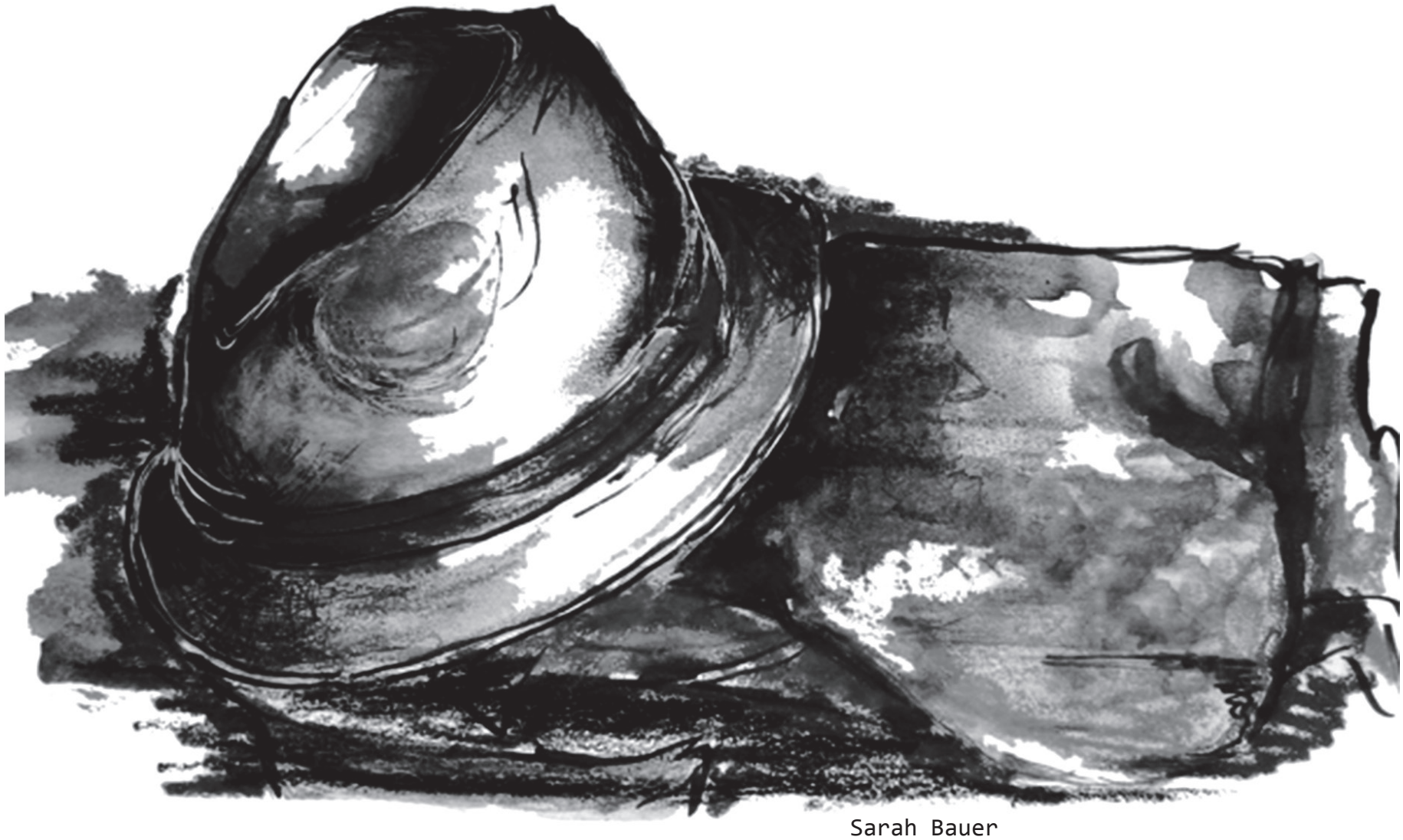
EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

MARGEM

Jeanne Callegari

podia ser encontrado sempre nas bordas. o mais perto possível para testemunhar o que acontecia sem, de fato, participar. um distanciamento clínico, que nunca perdia um evento, mas nunca estava no miolo, junto aos que gritavam, pulavam, suavam. ou talvez suasse, não sei. a latinha invariavelmente na mão, como a atestar pertencimento. de fato, sem ela, como garantir que estava ali? olhava, olhava. dizia frases enigmáticas, que achávamos profundas. tentávamos decifrá-lo. estava preso ao passado, pendente do futuro? nenhuma certeza, ele nunca afirmava nada. talvez fosse uma espécie particular de hipster, praticando ironia tão refinada que suas referências se perdiam no tempo. talvez, no fundo, morresse de vontade de sambar no meio da roda. talvez não. talvez não houvesse o que saber, afinal, do seu laconismo. talvez ele fosse apenas tímido.

e nisso tudo eu pensava, ao lado, ocupando meu próprio pedacinho da margem.



Sarah Bauer

Bianca Lafroy

Das metamorfoses e
refazimentos
sou aquele que não consta
na galeria de Ovídio,
Didimarcos...
Nem em Nicandro
ou Antígono.
Sou mais perigosa que os
clássicos,
sou obra FORA DA ESTANTE
(um encaixe na família).
Transformo o nada e o
morno,
e dissolvo supositórios do
desespero.

Ontem, lá em casa
cortei pedaços cítricos
para uma salada de frutas.
Pedaços bem pequenos
de um abacaxi inteiro
que dei o nome ÁGUA NA BOCA.
Senti o embrulho de saliva
nas laterais da língua,
abaixo dela,
na frente,
entre ela e os dentes.

(senti como sinto agora
este acúmulo espesso.)

: A afta veio.

Ele entendeu
e sendo o que quer,
o que somente quer,
só por isso me procura,
fechou o zíper
e foi embora.

Joaquim Livraria
livronauta@joaquimlivraria.com.br
Rua Alfredo Bufren,51 conj 2 - Centro / Curitiba-PR
LIVROS - LP S
(41)3078-5990
www.joaquimlivraria.livronauta.com.br

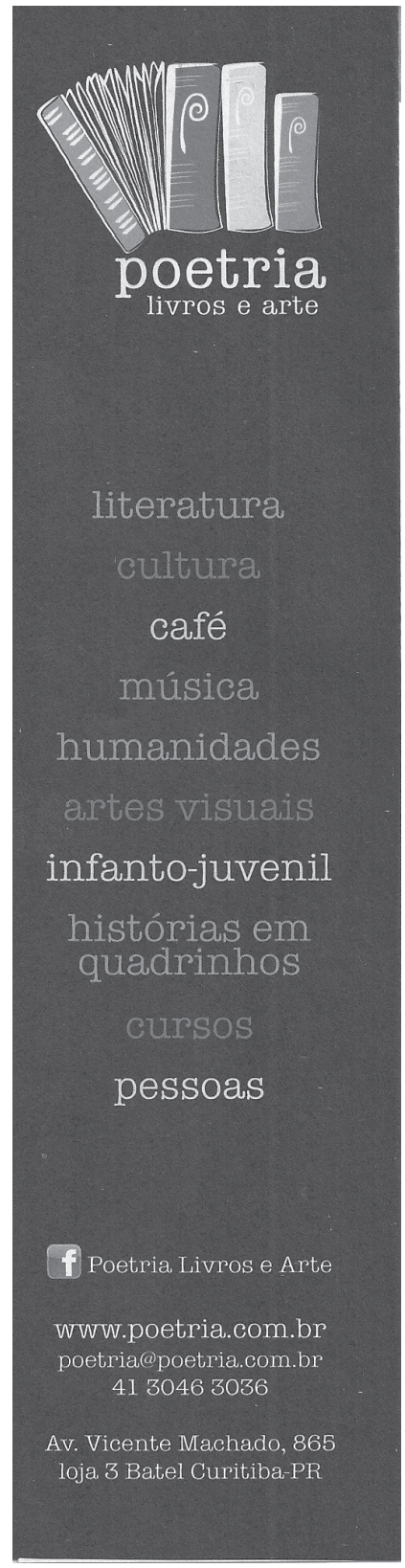
QUERO #2

Lu Cañete

Quero ser serralheira,
como esse da serralheria
no caminho ao trabalho.
Um serralheiro acorda:
serralheiro.
Um serralheiro dorme:
serralheiro.
E, se o telefone toca na casa-serralheria,
ele atende:
- Serralheiro.

Mas esta que escreve:
dorme uma coisa,
acorda outra.
Trabalha no banco,
dá aulas
de uma língua estranha,
para que as pessoas
falem com gente
que não conhecem.
Escova os dentes: namorada.
Entrou no ônibus: passageira.
Passou da catraca: maestrita.
Tem reunião às 4pm: treinadora.
Casa da mãe: filha.
Hoje é dia dos pais: orfã.

Enquanto isso,
o serralheiro:
serralheiro.



CINZAS

Sonia Maria Cardoso

Folhas marrons e negras ao vento, assim me sinto totalmente ao léu, sem destino, sem paz, sem casa, como sempre me senti.

Uma psicóloga diz-me que a mania recorrente de desenhar casinhas e janelas advém do fato de sempre me sentir sem casa, sem pouso, um barco à deriva, para usar uma frase feita e que cabe bem em meu estado atual, quando sinto frio constante, aquele frio que cobertor algum pode aquecer, que te escorre da alma e coração.

É o outono do ser em pleno verão do calendário.

E tudo fica pior porque preciso correr para as cortinas, pois uma nesga de céu avermelhado ameaça invadir meu quarto negro, logo agora, que já me consolei com meu tormento de hora inteira.

Mas, felizmente, ao assomar à janela, vejo galhos retorcidos do que era uma azaleia rosa, e antes de chegar à cama sinto sob os pés o fraturar dos corpos, das centenas de baratas que comigo dividem o espaço.

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES
QV
Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro
Araucária. Fone: (41)3642-1622

CORAGEM

Traduções de Rodrigo Madeira

É nas pequenas coisas que o vemos.
O primeiro passo da criança,
tão incrível como um terremoto.
A primeira vez que você andou de bicicleta,
desequilibrando-se pela calçada.
A primeira surra, quando seu coração
saiu sozinho em viagem.
Quando o chamaram de bebê chorão
ou pobre ou gordo ou maluco,
e o tornaram um completo estranho,
você bebeu aquele ácido
e o ocultou.

Mais tarde,
se você enfrentou a morte das balas e bombas,
não o fez com um estandarte,
mas apenas com um chapéu para
cobrir seu coração.
Você não afagou sua fraqueza
embora ela estivesse ali.
Sua coragem era um carvão
que você continuou engolindo.
Se seu camarada o salvou
e morreu fazendo-o,
então aquela coragem não era coragem,
mas amor; amor tão simples como espuma de barbear.

Mais tarde,
se suportou um grande desespero,
você o fez sozinho,
recebendo uma transfusão do fogo,
raspando as crostas de seu coração,
e então o arrancando feito uma meia.
Depois, meu irmão, você pulverizou sua pena,
fez-lhe uma massagem nas costas,
então a cobriu com uma manta
e, após haver dormido um pouco,
ela acordou para as asas das rosas
transformada.

Mais tarde,
quando tiver de encarar a velhice e a natural conclusão,
sua coragem ainda se mostrará nas pequenas coisas,
cada primavera será uma espada que você afiará,
aqueles que você ama viverão em febres de amor
e você barganhará com o calendário
e no último instante,
quando a morte abrir a porta dos fundos,
você vai calçar suas pantufas
e sair.

Courage

Anne Sexton

It is in the small things we see it.
The child's first step,
as awesome as an earthquake.
The first time you rode a bike,
wallowing up the sidewalk.
The first spanking when your heart
went on a journey all alone.
When they called you crybaby
or poor or fatty or crazy
and made you into an alien,
you drank their acid
and concealed it.
Later,
if you faced the death of bombs and bullets
you did not do it with a banner,
you did it with only a hat to
cover your heart.
You did not fondle the weakness inside you
though it was there.
Your courage was a small coal
that you kept swallowing.
If your buddy saved you
and died himself in so doing,
then his courage was not courage,
it was love; love as simple as shaving soap.
Later,
if you have endured a great despair,
then you did it alone,
getting a transfusion from the fire,
picking the scabs off our heart,
then wringing it out like a sock.
Next, my kinsman, you powdered your sorrow,
you gave it a back rub
and then you covered it with a blanket
and after it had slept a while
it woke to the wings of the roses
and was transformed.
Later,
when you face old age and its natural conclusion
your courage will still be shown in the little ways,
each spring will be a sword you'll sharpen,
those you love will live in a fever of love,
and you'll bargain with the calendar
and at the last moment
when death opens the back door
you'll put on your carpet slippers
and stride out.

POESIA

Marianne Moore

Eu também não gosto dela: há coisas mais importantes para além
de toda esta farsa.
Lendo-a, contudo, com absoluto desprezo,
descobre-se
nela, no fim das contas, um lugar para o autêntico.
Mãos que podem agarrar, olhos
que podem dilatar-se, pelos que podem eriçar-
se necessário, essas coisas são importantes não porque uma

grandiloquente interpretação pode ser-lhes atribuída
mas sim porque
elas são
úteis. Quando se tornam derivadas a ponto de se tornarem
ininteligíveis,
o mesmo pode ser dito de todos nós, que
não admiramos aquilo
que não podemos entender: o morcego
aguentando-se de ponta-cabeça ou em busca de algo para

comer, elefantes forcejando, um cavalo xucro num rodopio, um lobo
incansável sob
a árvore, o crítico inamovível contraindo a pele como um cavalo
que sentisse a sarna, o fã de
beisebol, o estatístico –
tampouco é válida
a discriminação contra "documentos comerciais e

livros escolares"; todos esses fenômenos são importantes. Deve-se
fazer uma distinção
no entanto: quando trazidos à luz por meios poetas, o
resultado não é poesia,
tampouco, até que os poetas dentre nós possam ser
"literalistas da
imaginação" – acima
da insolência e trivialidade, e possam apresentar

à inspeção "jardins imaginários com sapos de verdade", nós a
experimentaremos.
Neste meio tempo, se você exigir por um lado
a matéria-prima da poesia em
toda a sua crueza e
a qual é por outro lado
autêntica, você se interessa por poesia.

POETRY

I, too, dislike it: there are things that are important beyond
all this fiddle.
Reading it, however, with a perfect contempt for it, one
discovers in
it after all, a place for the genuine.
Hands that can grasp, eyes
that can dilate, hair that can rise
if it must, these things are important no because a

high-sounding interpretation can be put upon them but because
they are
useful. When they become so derivative as to become
unintelligible,
the same thing may be said for all of us, that we
do not admire what
we cannot understand: the bat
holding on upside down or in quest of something to

eat, elephants pushing, a wild horse taking a roll, a tireless
wolf under
a tree, the immovable critic twitching his skin like a horse
that feels a flea, the base-
ball fan, the statistician –
nor is it valid
to discriminate against "business documents and

school-books"; all these phenomena are important. One must make
a distinction
however: when dragged into prominence by half poets, the
result is not poetry,
nor till the poets among us can be
"literalists of
the imagination – above
insolence and triviality and can present

for inspection, "imaginary gardens with real toads in them",
shall we have
it. In the meanwhile, if you demand on the one hand,
the raw material of poetry in
all its rawness and
that which is on the other hand
genuine, you are interested in poetry.

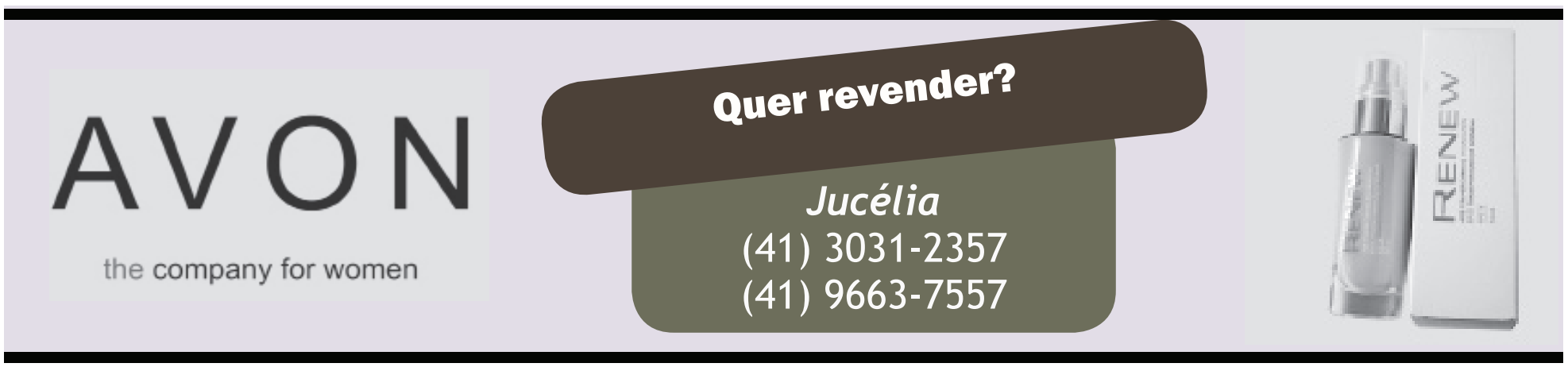
Ele

Luz Helena Cordero

Ele ganhou todas as batalhas.
Sua peleja foi corpo a corpo
com armaduras e sem elas.
Se armou com flechas
pôde criar espadas
fez alianças com o veneno
conseguiu esculpir o fogo
despiu a alma dos químicos
soube afiar as palavras
e brandir os livros.
Ele morreu tantas vezes
e foi vencedor muitas mais,
lutou tanto e chega tão cansado.
Ele ganhou todas as batalhas
menos uma,
menos uma com cara de mulher.

ÉL

Él ganó todas las batallas.
Su pelea fue cuerpo a cuerpo
con armaduras y sin ellas.
Se armó con flechas
pudo crear espadas
hizo alianzas con el veneno
logró esculpir el fuego
desnudó el alma de los químicos
supo afilar las palabras
y blandir los libros.
Él murió tantas vezes
y fue vencedor muchas más,
peleó tanto y viene tan cansado.
Él ganó todas las batallas
menos una,
menos una con cara de mujer.



CUIDA DELA

Daniel Bovolento

Rapaz, diz pra ela que o meu bom dia ainda é dela. E que, se der, outro dia a gente se esbarra e eu levo umas flores pra ela. Faz dela um porto inseguro pra não se deixar levar pela rotina da maré calma. Beija o nariz dela que ela acorda na mesma hora e ainda dá uma espreguiçada com um sorrisão de partir o meu coração por não poder mais acordar ao lado dela. Ô rapaz, cuida dela com ternura. Essa garota precisa de alguém com tempo e com todo o coração do mundo pra entender a alma dela. Deixa ela descansar a cabeça no seu ombro, mesmo que você sinta um pouco de medo de se mexer. Eu nunca consegui ficar quieto com ela do lado.

Diz pra ela que ela é meu sonho bom. E que vai ser dureza não ter ligação nenhuma no meu celular pra responder. Coloca um toque personalizado, mas não escolhe nenhuma música especial pra vocês dois, rapaz. Puxa pruma valsa que ela sabe dançar bem demais. Ela tem um jeitinho de fugir dos meus braços que dá gosto. E não cai na armadilha dela, não. Se enroscar no pescoço dela é perigoso porque você pode ficar ali por tempo demais e se esquecer de olhar bem nos olhos dela.

Diz pra ela que eu sei que eles não são castanhos, rapaz. Os olhos e ela são doces como mel. Dá pra sentir no gosto do primeiro beijo na chuva. E carrega sempre um remédio pra alergia na carteira. Dá pra prevenir os olhos dela de lacrimejarem por algum motivo bobo. Cuida bem pra ela não chorar, viu?

Diz pra ela que eu guardei os ingressos do nosso primeiro cinema e que ontem tava passando o filme na Sessão da Tarde. Pergunta se ela viu e se lembrou de mim durante os comerciais. Pergunta se ela ainda discute Godard com alguém ou se gostou de algum blockbuster recente e não quis confessar. Rapaz, ela sabe de tudo no mundo. Puxa assunto com ela, mas não deixa o silêncio consumir vocês dois. Ela é tagarela demais – e boa coisa não é se ela começar a ficar quieta. Aquieta o rosto no colo dela e deixa uma barbinha rala pra ela sentir cócegas. Ah, você faz bem em levar dois edredons pra cama porque senão corre o risco de passar frio. Ela é meio egoísta durante o sono. Diz pra ela que eu sinto falta das conchinhas e que até parei de reclamar da dor nos braços. Abraça forte sempre que der e escreve uns poemas também. Garanto que ela vai te inspirar a escrever um livro inteiro.

Ô rapaz, diz pra ela que eu soluço só de pensar em como vai ser daqui pra frente e que o meu norte foi embora junto dela. E diz também que eu reconheço que ela deve ser mais feliz com você do que comigo. Diz que eu não me conformo, mas vou tentar pensar nisso como um desvio de percurso – e que, até a gente se reencontrar, eu vou tentar garantir a felicidade dela por meio de umas dicas e recomendações que eu vou dar pra você. Ela gosta de beijos molhados e pouca agilidade na hora de se despir. O suor dela tem um gosto bom, rapaz, então não precisa – e nem pode – ter nojinho com ela. Compra cerveja ao invés de vinho e põe o chinelo dela na entrada pra ela se livrar logo do salto quando chegar. Não trabalha muito até tarde porque ela vai depender de alguma atenção sua pra ter certeza de que fez uma escolha justa em me deixar. E fala sobre música, sobre algo de blues e jazz e deixa ela sentar pra tocar piano naquele restaurante grã-fino dos Jardins. Diz pra ela que eu aprendi uma partitura pra poder me lembrar dela.

Cuida bem dela e diz pra ela que um dia a gente se encontra se ela resolver que dá pra ser feliz aqui. Mas se ela preferir ficar por aí, faz dela o seu grande amor, rapaz. Diz pra ela que a solidão só anda doce porque eu ainda penso nela. E dá um beijo de boa noite na testa dela por mim, rapaz. E não precisa dizer nada depois disso. Ela vai fechar os olhos e se lembrar de mim.

Advocacia

Bruno César Deschamps Meirinho (OAB/PR 48.641)
Sylvia Malatesta das Neves (OAB/PR 56.074)

Consumidor - Cível - Família - Contratos - Trabalhista

Telefone 3026-1922 | 9839-4529
Rua José Bonifácio, 135, Sala 1-B, Largo da Ordem
Curitiba, PR

solaris discos, livros e cultura

Discos de Rock, Jazz, Blues, Soul, MPB,
Rock alternativo, Música Clássica...
Literatura Brasileira, Estrangeira, Arte, Filosofia,
Ciências Sociais, História...
Tudo selecionadíssimo!

Rua Dr. Claudino dos Santos, 48
Largo da Ordem - (41)3155-0026

Ter-Sex 10h - 20h
Sáb 13h - 19h
Dom 9h - 14h

O CARTEADO NO SOUZA

Robson Vilalba

Sempre que acabava o trabalho íamos ao Souza, um bar que insistia em achar que era uma padaria.
Atrás do balcão a pessoa Souza.
Sorria aquele sorriso falso, de quem abriu as seis pra vender um pão que poucas vezes fui com a cara.
“Por que você insiste?”.
Aquilo não era uma padaria. “É uma padaria. Gente de família”. Souza insistia. O Pedro, apoiado no balcão, lembrava-o: “De família acabando; mulher que passa gritando; de família para pagar pensão... Isso quando você não fica com a pensão e torra ela aqui no bar... Hahahaha”. Aquela risada atravessava as conversas furadas.
“Souza, eu vou procura outro bar”. Eu dizia mais pra provocar. Ele sabia disso, por isso sorria. Nada disso teria acontecido se eu tivesse cumprido o dito.
Outro dia comecei a perceber que havia uma galera que ficava mais ao fundo, que eu conhecia só de trombar por ali. “O que que é ?”. Canastra. Eu não sabia jogar aquilo. Parecia pife. Se pá, era a mesma coisa com outro nome. Regionalismo. Eu nem dava muito atenção para eles. Eu ficava na frente do bar, conversando uma conversa que não mudava muito a direção: mulher, futebol, Tela-Quente. Aquela bobagem que a gente fala sério dentro do bar. Foi o Gambiarra, meu sócio na velha oficina, quem começou a comentar sobre a jogatina. “Cincão, deizão, dinheiro-de-bu-te-co”. Num era mentira. E se até o Gambiarra, que não era muito esperto, faturava algum, por que eu não poderia fazer o mesmo?
Naquela noite mesmo levei deizão a mais pra casa. Não era muito. Mas a sensação de vitória era delirante. Quebrava com aquela mesmice. Quando eu olhei a face apática iluminada pela luz da novela, não tive a mesma vontade de me matar. Até pensei em transar mais tarde. O que era besteira, pois ela não vinha me dando há algum tempo. Ela olhou na minha direção. Ergueu uma das sobrancelhas. Aquele olhar atravessou a luz amarela que refletia na sua testa. Acho que pensou um palavrão, mas os seus valores censuraram a boca. Era a confirmação que faltava.

PER. PLEXOS

Ricardo Pozzo

Michês desfilam esculpidas. Carcaças. Na interjecional estreita. Voluntários da Pátria. Entre o estereotípico Instituto e a praça Osório. Inspecionados por. Automóveis olhos. Circunda-os. Diluídos latrocidas indiciados. Pela jaqueta, trinta reais e alguns centavos. Ilegítima defesa. Da honra garden-party à sombra. Em ambos. Lados de falsos efebos para evitar. Que sonhos de consumo tornem-se pesadelos; ou. O remédio dos velhos. Traquejados em liquescer homopétalos gametas. Pois ainda vale o ditado que o homem que trabalha será dignificado.

Carlos Pegurski

O padeiro é o poeta

Lembro do Mario Ruopollo
de gente humilde
que ignora Neruda e
come as metáforas cruas
que
a noite assa.

Enquanto partilho o pãoema
ainda quentinho e fumegante
de
rótulo manuscrito
'Agradecemos a Preferência'
alguém sem leitura
e sem brioche
morre de frio.

Mais uma massa amanhecida:
enfim abre a boca.
Pra ver
a felicidade das formigas.

Uili Bergamin

Soneto à fraqueza minha

enfim passeaste por meus jardins cinzentos
pelo reino tão escasso de meus satélites
és luxúria que morde gritos enluarados
da carne minha trabalhada pela tua falta

em meus olhos devorados pela sombra
a letra velha e extraviada ganha pouso
lágrima antiga gotejando na memória
história errante, bosque prenhe de neblina

maldito coração, maldita minha boca
louca, dura, esses lábios são de inverno
cortam fundo, mais do que o necessário
aí tu chegas com sapatos de vento
e tinges meus lábios de um sorriso bobo
nua e simples, tu tens linhas de lua.

Ricardo Pozzo

DAR ADEUS A UM AMOR

É difícil se despedir de um grande amor, aquele amor que você achou que era para a vida toda.

É difícil o dia de levar todas as coisas de volta, entregar de volta tudo aquilo que, se você continuasse vendo, pudesse te fazer chorar.

Se despedir do amor é tirar-se uma parte. É fazer a faxina na casa inteira, jogar tudo que está debaixo do tapete fora, desocupar os móveis, trocar os lençóis, comprar travesseiros novos. É ficar aquele vazio na cama, é sentir falta dos pés juntos nos dias de frio.

É jogar uma parte fora. É despedir-se de um pedaço, um pedaço importante, mas que quando destruído não tem volta.

Se despedir de um grande amor é viajar sem passagem de volta. É abandonar sabendo que está abandonando. É assinar uma carta de despedida, sabendo disso.

Mas, a gente sabia que um tempo era uma forma de se perder. E, irremediavelmente, nos perdemos.

Se despedir é também esquecer todas as mágoas, é dizer adeus ao rancor, é desocupar o coração inteiro para um novo amor chegar e ocupá-lo. É colocar na mesa a sua desistência e dar chance para uma nova história.

Enfim, se despedir, é querer esquecer do número do celular que a gente apaga da nossa agenda, mas não adianta, a gente sabe, tá ali na cabeça. Se despedir é não dar mais espaço para todas essas feridas doloridas.

É deixar de ser você mesmo e inventar alguém, um novo você mesmo, é voltar a viver, acordar, tomar café, trabalhar e continuar.

Ágatha Santos

"Toda Poesia", sucesso de vendas, reúne o melhor e o pior de Leminski

Marcelo Lima

Conheci a poesia de Paulo Leminski (1944-1989) nos anos 1980, e topei com o dito-cujo no feriado de Carnaval de 1989, em Tibagi, minha terra natal. Leminski foi ciceroneado na cidade (sobre a qual fez um poema singelo, publicado em "La vie en close") pela cineasta Berenice Mendes, a Bere, sua última companheira, amiga dos meus irmãos.

Ele pulava as marchinhas tibagianas, desajeitado, simpático. Mas não tinha nada a ver com o clima: parecia tristonho, um sorriso meio de despedida, far away eyes, como a música dos Stones. Meses depois deparei com a notícia da morte dele, por hemorragia no esôfago, causada por alcoolismo.

Fisicamente, lembrava Lech Walesa nos tempos do Solidarnosc e o músico David Crosby, aquele do quarteto hippie Crosby, Stills, Nash & Young. A diferença é que Walesa e Crosby ficaram roliços com o tempo e Leminski nunca foi gordo. Leminski, acho, gostava dos dois. Talvez mais de Walesa, líder operário que peitou os comunistas da Polônia dos tempos de partido único.

Li "Caprichos e Relaxos" na metade dos anos 1980. O livro foi uma surpresa para o adolescente interessado em literatura. Leminski tornou-se o herói da minha turma. Candidatos a (maus) poetas, em pleno Carnaval interiorano, caçávamos o notório escritor em busca de um autógrafo e de aconselhamentos. Necas de pitibiriba: o respeito à privacidade ao escritor na sua féria falou mais alto que a tietagem.

Líamos com prazer os poemas, as traduções e, mais do que isso, os ensaios de "Anseios Crípticos", livrinho de textos curtos, pedra-de-toque da crítica antiacadêmica, cujo exemplar infelizmente danifiquei num dia de ventania em que atravessava a ponte da cidade com os vidros traseiros do carro abertos (de repente, as páginas se soltaram da brochura e lançaram-se à água: primeiro caso de suicídio livresco da história deste país!).

Nele Leminski falava de temas tão variados como o romance beatnik de John Fante, a linguagem despudorada de Petrônio e a prosa-confissão de Yukio Mishima, além de escrever um breve tratado sobre o caráter do curitibano (o mais interessante que já li. Pena que foi tragado pelo rio Tibagi!). Tudo isso como se estivesse escrevendo uma campanha publicitária: frases curtas; palavras afirmativas, achadas aqui e ali, no dia a dia; o tempo todo cutucando o leitor, interpelativo. Enfim, como bom publicitário que foi, tentava conquistar novas almas para a cada vez mais minguada plateia da república das letras.

A morte de Leminski pegou a todos de calça curta. Fiquei sabendo durante um encontro promovido pelo curso de Jornalismo da UFPR. Aos prantos, falando para um auditório da reitoria lotado, de manhãzinha, o organizador anunciava que a primeira palestra, a ser proferida justamente por Leminski, havia sido cancelada por motivos óbvios. O escritor "fez chover no piquenique" da moçada.

Com a morte em 7 junho de 1989, numa madrugada fria, com um pouco de neblina, bem curitibana, Leminski passou de poeta mais ou menos conhecido a escritor cultuado em Curitiba, cidade tão carente de nomes na área cultural. Tornou-se um "príncipe dos poetas paranaenses" na versão moderna, poeta-síntese da geração 80, o "samurai malandro", como o definiu Leyla Perrone-Moisés.

Apesar disso, seus livros inéditos foram editados de maneira dispersa e sem muito capricho. Já mal das pernas, a Brasiliense publicou "La vie en close", em 1991; em 1996, saía o "Ex-estranho", numa parceria entre a Iluminuras e a Fundação Cultural de Curitiba; e em 2001, "Winteverno", também pela Iluminuras. O best-seller "Caprichos e relaxos", coletânea de seus primeiros e mais inspirados livros, ficou por muito tempo esgotado.

Há um mês, a Companhia das Letras finalmente resolveu lançar um "pacote" Leminski, repetindo o que fez com o excelente José Paulo Paes, em 2008. "Toda poesia" saiu com 426 páginas, custa R$ 46 e conta com cerca de 600 poemas. A edição reúne os livros publicados em vida, os póstumos e uma seção de esparsos. Conta com uma bela capa laranja com o bigodão à Leminski bem no centro: uma metonímia (a parte pelo todo) em homenagem ao poeta.

A imprensa tem comemorado a reedição. Depois de muito tempo disponível só mesmo em volumes caríssimos nos sebos (a minha edição do "Catatau" autografada, doada pelo jornalista e amigo Zeca Corrêa Leite, vale pelo menos uns R$ 500, mas não está à venda, é claro, porque não estou precisando no momento de R$ 500), eis que o leitor pode encontrar toda obra num belo volume.

A grande surpresa é que o livro vendeu, já nesse primeiro mês, cerca de 20 mil exemplares, desbancando o famigerado "50 tons de cinza", de E. L. James (que diabos significa "E.L."? Cartas à redação…) e o insosso "Ágape", de Padre Marcelo na Livraria Cultura. Sem contar que até mesmo os vendedores das livrarias, que geralmente não sabem bolhufas de literatura, já conseguem identificá-lo em meio ao carregamento de lixo impresso que chega toda semana nas lojas.

Vejo com muita simpatia a publicação de toda a poesia e o sucesso de vendas de Leminski. Seus textos têm uma vitalidade e simpatia que faltam muito à poesia atual, esotérica e chata. Tenho muitos alunos que apreciam a fusão entre o poeta e o performer, esse jeito de assumir a poesia como um estilo de vida típico de Leminski.

Mas nem tudo são flores. A primeira impressão nem sempre é a que fica, e muito de seus textos não sobrevivem a uma segunda leitura. A tentativa de comunicar rápido e com eficácia (Leminski usava redondilha maior, métrica mais popular da língua portuguesa, sonhava em ser um Noel Rosa da poesia), a construção de desfechos meio nonsenses tornam a poesia meio frouxa, como é possível ver a seguir:

eu ontem tive a impressão
que deus quis falar comigo
não lhe dei ouvidos

quem sou eu para falar com deus
ele que cuide dos seus assuntos
eu cuido dos meus
ou ainda
entendo
mas não entendo
o que estou entendendo
e mais
de vez em quando
ando ando ando
a voz ecoando
quando quando quando

Lazarento, não, leitor! Haja paciência! Ora, passou o primeiro alumbramento (ou seria estranhamento, como diriam os formalistas russos?), o que sobra desses textos? Tudo bem que o poeta tem que ter liberdade, que, passados os vendavais pós-modernos, só resta mesmo o hedonismo da linguagem e poucos quetais. Mas dizer que isso é poesia é querer muito pouco da vida. Como eu não quero fazer chover no piquenique do poeta, é claro, quero dizer que, apesar dos poemas ruins, o livro reúne alguns textos de Leminski que são realmente memoráveis. Um dos meus preferidos é o que vai a seguir (e com ele encerro o papo):

um homem com uma dor
é muito mais elegante
caminha assim de lado
como se chegando atrasado
andasse mais adiante

carrega o peso da dor
como se portasse medalhas
uma coroa um milhão de dólares
ou coisa que os valha

ópios édens analgésicos
não me toquem nessa dor
ela é tudo o que me sobra
sofrer vai ser minha última obra

SENHORA DOS CONTOS

Cindy Carlos

Um lugar estranho, onde um rio chamado Esperança corre tranquilo. Lá no Bosque das Libélulas Azuis há uma casa de árvores coloridas. Ali, diversos tipos de árvores nasceram lado a lado ou não, talvez tivessem sido postas ali e aos poucos foram formando a pequena casa. Sala, cozinha, quarto, uma casa-árvore. Ipês de todas as cores, jatobás, imbuias, carvalhos, araucárias. Ao redor, mais e mais árvores, altas, grandes, pequenas, muito pequenas, colorindo os dias e a casa e flores e cheiros e um verde de muitos tons que deixa no ar um gosto de tudo que está ao seu lado. E lá, neste estranho lugar, mora a Senhora dos Contos, não sozinha. Há na casa muita vida, pássaros de todas as partes do mundo, pequenos esquilos, serelepes, borboletas, um gato que ronrona para a lua como um pequeno lobo, e é negro como a noite sem que se possa ver nenhuma estrela.

Além de todas estas companhias, também há Josefina e Jane, sempre quietas, prestativas, um pouco estranhas aos outros, meio magrinhas, meio fadinhas. Esperam por um movimento da Senhora dos Contos e então a sustentam ou amparam e a levam para algum lugar onde queira ir. O jardim, o bosque, ao rio de águas verdes e pedras escorregadias e de novo à árvore-casa.

Assim, num primeiro olhar desavisado e não contemplativo, Josefina e Jane parecem idênticas, mas há entre elas detalhes que as diferenciam. Uma manchinha aqui, um risquinho ali, bobagens que elas fazem questão de esconder, pois adoram ser confundidas pela Senhora dos Contos. Outra coisa que elas gostam muito, muito mesmo, é auxiliar a Senhora a contar suas histórias. Ali, naquele lugar, existem histórias de todos os cantos, alegres, lindas, brilhantes. Outras sombrias, tensas, tristes, perfumadas ou, ainda, sorrateiras. Histórias que fazem tremer, se apaixonar, aventurar-se por mundos onde dragões, centauros, mulas sem cabeça, curupiras e cucas, passeiam fazendo suas peripécias e envolvendo quem os encontra.

A Senhora dos Contos guarda-as num antigo baú, diz ela do tempo em que fadas, elfos, iaras, sacis e outros seres fantásticos andavam livres pelo mundo, sem precisarem esconder-se. Um tempo tão distante que a árvore-casa era apenas uma semente de outra semente. Mas havia lá atrás, uma mulher, que desde criança já era a Senhora dos Contos. Por um desígnio dos seres imaginários que habitam lugares onde somente ela pode entrar, como o Cemitério dos Livros Esquecidos de Zafón.

No baú, que cada dia acorda de uma cor, as histórias se agitam, cantam, enquanto esperam pela próxima vez em que se transformarão em sons, em sequências significativas de sonhos e fantasias de serem felizes para sempre. Desculpe divagar, mas é difícil não historiar quando a Senhora dos Contos se deixa revelar.

Todos os domingos, quando o sol nasce e até a lua chegar, ela abre o baú e, entre todas as histórias que gritam, apelam para serem contadas, escolhe três e conta-as para as crianças da Vila Esquecida, na Floresta dos Homens, que, encantadas, observam Josefina e Jane dançarem no meio da roda, enquanto a Senhora dos Contos assiste a bater palmas e cantar, sentada no tronco da aroeira.

INDIGNEM-SE

Stéphane Hessel nasceu em Berlim, em 1917, de pai judeu, tradutor, Franz Hessel, e de mãe pintora e amante da música, Helen Grund, também escritora. A família muda para Paris, em 1924. Naturalizou-se francês em 1937. Em março de 1941, juntou-se à França Livre do general De Gaulle, em Londres. Em 10 de julho de 1944 é detido pela Gestapo, depois de ter sido denunciado. Foi torturado. Às vésperas de ser enforcado, conseguiu in extremis trocar de identidade com um francês morto por tifo no campo. Em 1946, aprovado no concurso de entrada para o Ministério das Relações Exteriores, se tornou diplomata. Morreu em Paris em 27 de fevereiro de 2013, aos 95 anos.

INDIGNEZ-VOUS

Stéphane Hessel

93 ans. C'est un peu la toute dernière étape. La fin n'est plus bien loin. Quelle chance de pouvoir en profiter pour rappeler ce qui a servi de socle à mon engagement politique : les années de résistance et le programme élaboré il y a soixante-six ans par le Conseil National de la Résistance ! C'est à Jean Moulin que nous devons, dans le cadre de ce Conseil, la réunion de toutes les composantes de la France occupée, les mouvements, les partis, les syndicats, pour proclamer leur adhésion à la France combattante et au seul chef qu'elle se reconnaissait : le général de Gaulle. De Londres où j'avais rejoint le général de Gaulle en mars 1941, j'apprenais que ce Conseil avait mis au point un programme, l'avait adopté le 15 mars 1944, proposé pour la France libérée un ensemble de principes et de valeurs sur lesquels reposerait la démocratie moderne de notre pays1.

De ces principes et de ces valeurs, nous avons aujourd'hui plus que jamais besoin. Il nous appartient de veiller tous ensemble à ce que notre société reste une société dont nous soyons fiers : pas cette société des sans-papiers, des expulsions, des soupçons à l'égard des immigrés, pas cette société où l'on remet en cause les retraites, les acquis de la Sécurité sociale, pas cette société où les médias sont entre les mains des nantis, toutes choses que nous aurions refusé de cautionner si nous avions été les véritables héritiers du Conseil National de la Résistance.

A partir de 1945, après un drame atroce, c'est une ambitieuse résurrection à laquelle se livrent les forces présentes au sein du Conseil de la Résistance. Rappelons-le, c'est alors qu'est créée la Sécurité sociale comme la Résistance le souhaitait, comme son programme le stipulait : « Un plan complet de Sécurité sociale, visant à assurer à tous les citoyens

1des moyens d'existence, dans tous les cas où ils sont incapables de se les procurer par le travail » ; « une retraite permettant aux vieux travailleurs de finir dignement leurs jours. » Les sources d'énergie, l'électricité et le gaz, les charbonnages, les grandes banques sont nationalisées. C'est ce que ce programme préconisait encore, « le retour à la nation des grands moyens de production monopolisés, fruit du travail commun, des sources d'énergie, des richesses du sous-sol, des compagnies d'assurance et des grandes banques » ;

« l'instauration d'une véritable démocratie économique et sociale, impliquant l'éviction des grandes féodalités économiques et financières de la direction de l'économie ». L'intérêt général doit primer sur l'intérêt particulier, le juste partage des richesses créées par le monde du travail primer sur le pouvoir de l'argent. La Résistance propose

« une organisation rationnelle de l'économie assurant la subordination des intérêts particuliers à l'intérêt général et affranchie de la dictature professionnelle instaurée à l'image des États fascistes », et le Gouvernement provisoire de la République s'en fait le relais.

Une véritable démocratie a besoin d'une presse indépendante ; la Résistance le sait, l'exige, en défendant « la liberté de la presse, son honneur et son indépendance à l'égard de l'État, des puissances d'argent et des influences étrangères. » C'est ce que relaient encore les ordonnances sur la presse, dès 1944. Or, c'est bien ce qui est aujourd'hui en danger.

La Résistance en appelait à « la possibilité effective pour tous les enfants français de bénéficier de l'instruction la plus développée », sans discrimination ; or, les réformes proposées en 2008 vont à l'encontre de ce projet. De jeunes enseignants, dont je soutiens l'action, ont été jusqu'à refuser de les appliquer et ils ont vu leurs salaires amputés en guise de punition. Ils se sont indignés, ont « désobéi », ont jugé ces réformes trop éloignées de l'idéal de l'école républicaine, trop au service d'une société de l'argent et ne développant plus assez l'esprit créatif et critique. C'est tout le socle des conquêtes sociales de la Résistance qui est

aujourd'hui remis en cause.

Noventa e três anos. A última etapa. O fim se aproxima. Que sorte poder aproveitar esse tempo para recordar o que serviu de base ao meu compromisso político: os anos de resistência e o programa elaborado há sessenta e seis anos pelo Conselho Nacional da Resistência! Devemos a Jean Moulin, no marco deste Conselho, a reunião de todos os componentes da França ocupada, os movimentos, os partidos, os sindicatos, para proclamarem sua adesão à França combatente e ao único líder que reconhecíamos: o general De Gaulle. De Londres, onde eu havia me reunido com o general em março de 1941, fiquei sabendo que esse Conselho havia definido um programa e que o havia adotado em 15 de março de 1944, também propunha para uma França livre um conjunto de princípios e valores sobre os quais se ergueria a democracia moderna de nosso país.

Hoje, mais do que nunca, sentimos necessidade desses princípios e valores. Precisamos permanecer alertas, unidos, para que nossa sociedade continue sendo uma sociedade da qual nos orgulhemos; não a sociedade de pessoas sem documentos, dos excluídos, das suspeitas aos imigrantes, que questiona as pensões, os direitos da Previdência Social, não a sociedade onde a mídia está nas mãos dos poderosos, dos ricos, tantas coisas que nos recusaríamos a respaldar caso fossemos os verdadeiros herdeiros do Conselho Nacional da Resistência.

Em 1945, após um terrível drama, ocorreu uma ambiciosa ressurreição a qual se dedicaram as forças presentes no seio do Conselho da Resistência. Recordemos que, naquele momento foi criada a Seguridade Social nos moldes que a Resistência planejara, como seu programa estipulava: "Um plano completo de Seguridade Social, destinado a garantir a todos os cidadãos os meios de existência, em todos os casos onde são incapazes de conseguí-los pelo trabalho"; "uma aposentadoria que permita aos idosos trabalhadores terminarem dignamente seus dias". "As fontes de energia, a eletricidade, o gás, as minas de carvão, os grandes bancos foram nacionalizados. Era o que esse programa preconizava, "o retorno à nação que monopolizaria os grandes meios de produção, fruto do trabalho comum, das fontes de energia, das riquezas do subsolo, das companhias de seguros e dos grandes bancos"; "a instauração de uma verdadeira democracia econômica e social, implicando o fim dos grandes feudalismos econômicos e financeiros que regem a economia". O interesse coletivo deve prevalecer sobre o interesse particular, a justa distribuição das riquezas criadas pelo mundo do trabalho deve prevalecer sobre o poder do dinheiro. A Resistência propunha "uma organização racional da economia, assegurando a subordinação dos interesses particulares ao interesse coletivo, pondo fim a ditadura profissional instaurada a imagem dos Estados fascistas", e uma maior preocupação do Governo provisório da República no sentido de garantir a aplicação e continuidade.

Uma verdadeira democracia necessita de uma imprensa independente; a Resistência sabia disso, exigia isso, defendendo "a liberdade de imprensa, sua honra e sua independência frente ao Estado, frente aos poderes financeiros e as influências estrangeiras". Isso era afirmado pelas leis sobre a imprensa desde 1944. Sem dúvida, atualmente isso tudo corre sério perigo.

A Resistência chamava atenção para "a possibilidade efetiva, para todas as crianças francesas de se beneficiarem de um ensino mais desenvolvido", sem discriminação; sem restrições, no entanto, as reformas propostas em 2008 contrariam esse projeto. Jovens professores, aos quais apoio, recusaram-se a aplicá-las e tiveram seus salários reduzidos como forma de punição. Eles estavam indignados, tinham "desobedecido", julgavam essas reformas descompromissadas do ideal da escola republicana, demasiado subserviente a uma sociedade de mercado e incapaz de desenvolver seriamente o espírito criativo e crítico. A base das conquistas sociais da Resistência passa a ser questionada.

Tradução de Luíz Horácio

Pequeno perfil curitibano: numa tarde apocalíptica e noutra ensolarada

Daniel Osiecki

Descobrir autores novos é uma experiência interessante. Ler algum desconhecido que pouca gente leu é um desafio e ultimamente tornou-se uma obsessão. Nas minhas andanças pelas livrarias e sebos de Curitiba em busca de autores curitibanos não contemplados pela mídia convencional descobri muita gente. Escritores que estão escondidos em suas alcovas bem longe do público leitor.

Em uma visita à loja das Livrarias Curitiba da Rua XV, num daqueles momentos ímpares em que entramos em uma livraria sem compromisso algum, sem nenhuma pressa, escondido entre Cristóvãos Tezzas e Daltons Trevisans (na seção de autores paranaenses), estava um pequeno volume intitulado Pequeno Perfil curitibano: numa tarde apocalíptica e noutra ensolarada, de Jul Leardini. Mais do que prontamente retirei o exemplar da estante e olhei nas outras prateleiras tentando encontrar outros livros do mesmo autor. Não encontrei, e com o livro devidamente comprado, não pude parar de pensar no título, que me encantou. Esse é o perigo em encontrarmos um conterrâneo literato: criamos mil expectativas.

Jul Leardini nasceu na cidade de Cianorte, em 1961, mas veio cedo para Curitiba, com cinco anos de idade. Publicou Contos e Encontros (1991), No Mundo dos seres diáfanos (2003), Pequeno perfil curitibano: numa tarde apocalíptica e noutra ensolarada (2005) e peças de teatro, como Pacto da Mediocridade (2004), O Discurso da América (2004), Aos poucos ouvidos moucos que virão falaremos um pouco da nossa escuridão (1999) entre outras.

Em Pequeno Perfil Curitibano: numa tarde apocalíptica e noutra ensolarada (publicado pela Lei de Incentivo à Cultura), Jul Leardini reúne sete contos que não apresentam nenhuma unidade temática entre si. O conto inicial, que dá título ao livro, passa a falsa impressão de que o autor abordará algumas questões sobre a origem da casmurrice curitibana. Neste primeiro conto, Leardini tenta entrelaçar duas narrativas paralelas, mas o resultado é uma breve e rasa tentativa de fluxo de consciência. O título do conto é muito mais denso do que o próprio conto.

O conto seguinte, **O herói brasileiro**, apresenta diálogos artificiais demais em situações pouco exploradas que acabam se tornando amontoados de acontecimentos que tentam fazer algum sentido. A falta de verossimilhança é uma constante em quase todos os contos. Basicamente, o conto narra uma situação em que um empresário rico da capital vai até uma cidade não nomeada do interior para comprar as últimas terras disponíveis ainda nas mãos de um fazendeiro local. Leardini evidencia o tempo todo um maniqueísmo juvenil e panfletário no qual o explorado (o fazendeiro com princípios morais e éticos) não se corrompe ao poder avassalador capitalista. Leardini também peca na construção destes diálogos entre o empresário e o fazendeiro usando em demasia uma linguagem fora de contexto e o pretérito imperfeito.

Nessa altura, pessimista por natureza, não imaginava que pudesse encontrar algo relevante pela frente. O terceiro conto, **O Espelho**, faz justiça à força e beleza do título do livro. Conto denso, esteticamente bem construído, alterna duas vozes de um personagem enigmático que faz referência ao assassinato de uma mulher. Durante toda a narrativa há uma atmosfera onírica, delirante e noir que confere uma marca autêntica ao autor. As imagens refletidas em um espelho em estilhaços tratam da questão da dificuldade do indivíduo em se encontrar. É uma belíssima metáfora sobre identidade.

O Espelho é o que o livro apresenta de melhor. A relevância do livro começa e termina com este conto. Os contos que vêm a seguir voltam a apresentar os problemas de estrutura dos contos iniciais. **Contradança** é composto por uma quantidade absurda de adjetivos, tornando a leitura complicada e aborrecida. A composição da narrativa é descontínua, quase ao nível da redação de vestibulandos.

A seguir vem **Tal um, qual outro,** conto em que Leardini deixa transparecer pequenas lições de moral sobre honestidade e a culpa daqueles que são desonestos. Isso depõe contra sua literatura, pois não é papel da ficção apresentar conflitos moralizantes para, em um movimento catártico, chegar a um momento nevrálgico. Também há claramente um descontrole, uma falta de domínio do uso do foco narrativo.

Sete de Setembro e **O Cisne** fecham o volume sem surpreender. Também mostram um autor inexperiente que não domina a técnica narrativa e com exceção do belíssimo **O Espelho**, não tem muito a dizer na narrativa curta. Quem sabe Jul Leardini guarde um volume inédito seguindo a linha de **O Espelho**. Minha busca ainda não cessou.

A casa de Sol
Fisioterapia e convivência

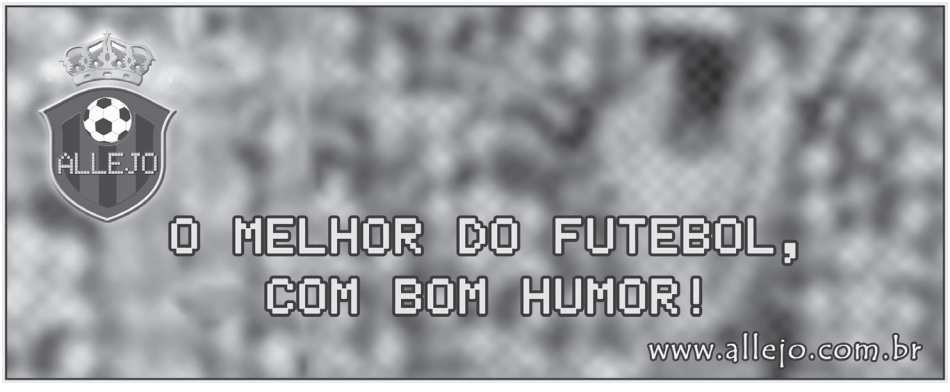
Agora ninguém mais pode dizer que Curitiba não tem sol. Venha conhecer um espaço com conceito ampliado de:

Fisioterapria
Pilates
Massagem rítmica
Terapias corporais
Drenagem linfática
...e muito mais...

Solange Maria Costa
Crefito 5611-F

(41)3089.7994 - 9838.7994
Rua Júlio Eduardo Gineste,1341
Santa Quitéria - Curitiba

pílula

Alexandre Guarnieri

mergulha goela adentro a miniatura duma ogiva, atravessada pela arcada
dentária, o mínimo submarino ingerível pela gelosia das gengivas, luta
o ácido dessa remessa medicinal contra o refluxo do esôfago, porque
administrado via oral, o único remédio necessário é essa mínima bomba
química cuja engenharia da reação em cadeia buscaria atingir
certos tecidos, alvos de registros específicos (um nódulo, pústula
ou o tumor n'algum recanto), entretanto, enquanto (exponencialmente)
progride esta ou aquela epidemia, hordas de mamíferos humanos
aportam às farmácias como loucos, homo sapiens, são espécimes adultos,
cuja mais completa farmacopéia não acorre, não há em todos os estoques
(que logo se esgotam nas prateleiras da indústria farmacêutica) algo que
resolva o medo a náusea o mal estar da civilização à época da reprodu
tibilidade técnica das doenças genéticas, vendidas conforme qualquer outro
mercado se regula (malogra o lucro se não há juro, já não há jura
quando a demanda se dana) até que se descubra que o veneno e o antídoto
(a fartura/ a carestia), a doença e a cura, indissociáveis siamesas,
já são partes da mesma mistura.